

Epístolas

de

BARNABÉ

Explicadas

FINALIDADE DESTA OBRA

Os materiais literários do autor não têm fins lucrativos, nem lhe gera quaisquer tipo de receita. Os custos do livro são unicamente para cobrir despesas com produção, transporte, impostos e revendedores. Sua satisfação consiste em contribuir para o bem da educação, uma melhor qualidade de vida para todos os homens e seres vivos, e para glorificar o único Deus Todo-Poderoso. Meus livros estão disponíveis gratuitamente na internet. Todos são registrados como de domínio público.

AUTORIZAÇÃO

O livro pode ser reproduzido e distribuído por quaisquer meios, usado e traduzido por qualquer entidade religiosa, educacional ou cultural sem prévia autorização do autor. Todos os meus livros são de domínio público.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembleias de

Epístolas de Barnabé explicadas

Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo Senac de Santos, reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

Epístolas de Barnabé explicadas

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

*M543 Escriba de Cristo, 1969 – Epístolas de Barnabé
Explicadas*

Itariri/SE Amazon.com

Clubedesautores.com.br, 351 p. ; 21 cm

ISBN-13: 9781711861456

Pseudo-epígrafo 2.Apóstolo 3 – Barnabé

4. Islamismo 5. História do cristianismo

I Título

CDD 270

CDU 091

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL

-CGC 66.504.093/0001-08

INTRODUÇÃO

Este livro é mais uma obra de resgate do passado da Igreja cristã, da história do cristianismo. Aqui faremos uma análise de três documentos que são atribuídos ao apóstolo Barnabé, companheiro do apóstolo Paulo. As duas epístolas são de alto valor histórico porque foi escrita entre o final do primeiro século e o início do segundo século. De tamanho valor tem estes dois documentos que em muitas comunidades cristãs dos primeiros séculos, elas faziam parte do Novo Testamento. Somente no Concílio de Nicéia é que as epístolas de Barnabé foram definitivamente consideradas documento extra-bíblico, não podendo mais ser anexado aos códices. Quanto ao evangelho de Barnabé, não resta dúvida que se trata de uma falsificação muito posterior, provavelmente do século XIV e escrita ainda por algum muçulmano que visivelmente fez uma síntese dos evangelhos com uma roupagem islâmica. Um documento espúrio com a finalidade de muçulmanos fazerem proselitismo de cristãos. Nada mais que uma obra risível.

Por Roque Frangiotti

Encontrada nos manuscritos no século passado, no Sinaítico, por Tischendorf, em 1859, e no Gerusolemitano, por Bryennios, em 1875, esta carta não nos fornece o nome de seu autor, nem a data e o local de composição.

Foi Clemente de Alexandria quem deu origem à tradição que atribui a autoria desta carta a Barnabé, companheiro e colaborador de São Paulo. Em Stromates 5,63,1-6 e no fragmento Hypotyposes mencionado por Eusébio em História Eclesiástica II,1,4, Clemente diz: ?A Tiago, o Justo, a João e a Pedro, o Senhor, após sua

ressurreição, transmitiu a gnose, estes a transmitiram aos outros apóstolos e os outros apóstolos aos 70, dos quais um era Barnabé?. A identificação desta carta com o colaborador de São Paulo foi adotada, em seguida, por Orígenes e o argumento aduzido se deve a que a carta fora encontrada entre os escritos do Novo Testamento, nos manuscritos Sinaíticos. Este argumento é responsável, também, pela inclusão da carta entre os livros canônicos, inspirados, por parte de Clemente e Orígenes... Contudo, Eusébio e Jerônimo não aceitam este argumento e excluem a carta dentre os livros inspirados.

O ponto de partida para fixação da data da composição desta obra são os capítulos IV e XVI. (...) A carta teria sido escrita durante o período de reconstrução do templo, se pudermos dizer que 16,4 se refere, conforme querem Harnack e Lietzmann, a este fato. Tudo leva a crer que esta é a hipótese mais provável. De fato, evocando Isaías, o autor diz: “Eis que aqueles que destruíram esse templo, eles mesmos o edificarão”. E prossegue: “E o que está se realizando, pois, por causa da guerra deles, o templo foi destruído pelos inimigos. E agora os mesmos servos dos inimigos o reconstruirão”. Este “é o que está se realizando” e o “agora” dão a impressão de que o autor está bem informado e é contemporâneo aos acontecimentos. Este escrito estaria datado, portanto, em torno dos anos 134-135. (1)

Por não fazer parte do cânon, Eusébio e Jerônimo não a considerou como parte do das Escrituras Sagradas. Orígenes a chama de “Epístola Católica”. (Cont. Cels, i. 63) Eusébio, o primeiro grande historiador da Igreja, relatou objeções a Epístola de Barnabé e esta acabou

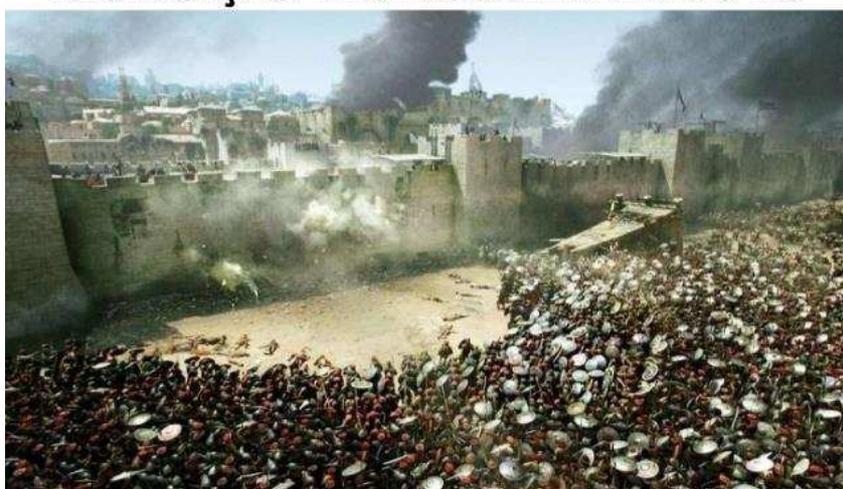
desaparecendo do apêndice do Novo Testamento. (Site com a Epístola)

Clemente, considerava esta Epístola como canônica. Mas sua opinião sobre canonicidade parece claramente não ter força. Por exemplo, ele se referiu ao mito da fênix como prova da ressurreição! A fênix, uma ave lendária que supostamente renasceu das próprias cinzas, estava relacionada à adoração do Sol na mitologia egípcia. (2)

O site fatos desconhecidos considera que a epístola de Barnabé se tornou polêmica por rejeitar o judaísmo:

A Epístola de Barnabé é um livro escrito entre 70 e 130 d.C. O conteúdo dele foi escrito depois da destruição do templo de Jerusalém e antes da rebelião judaica em 132. Não se sabe ao certo que ele foi escrito por Barnabé, companheiro do apóstolo Paulo, ou por outro Barnabé. Ele provavelmente gerou muita polêmica porque rejeitava os ensinamentos que vieram do judaísmo. (3)

DESTRUIÇÃO DE JERUSALEM EM 70 DC



e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário
Daniel 9:26

Não acho que Barnabé tenha sido mais virulento do que o apóstolo Paulo foi com o judaísmo, principalmente na carta aos Gálatas.

INTERPRETAÇÃO ALEGÓRIA DO ANTIGO TESTAMENTO

A epístola é caracterizada pelo uso exagerado de alegoria, uma interpretação que consiste em representar os escritos da Lei Mosaica sob forma figurada. Não contente em considerar a história e a Lei dos judeus como contendo tipos que se cumpre no cristianismo, ele elimina completamente o caráter histórico transitório do judaísmo. De acordo com muitos estudiosos ele ensina que nunca foi pretendido que os preceitos da Lei deveriam ser observados em seu sentido literal, que os judeus nunca tiveram uma aliança com Deus, que a circuncisão era a obra do Diabo, etc; Apresenta um ponto de vista diferente de todos os outros escritores em sua visão crítica do judaísmo. Pode-se dizer mais exatamente que ele condena o exercício do culto pelos judeus na sua totalidade, porque em sua opinião, os judeus não sabiam como se elevar ao significado espiritual e típico que Deus tinha em vista ao lhes dar a Lei. (2)

O teólogo Paulo Vinicius em seu trabalho apresentado ao curso de Teologia como requisito parcial de aprovação na disciplina Patrologia - 15/09/2010 analisou assim as epístolas de Barabé:

Na epístola atribuída a Barnabé, percebe-se que o autor é tendencioso, por fazer uma interpretação particular das escrituras e usá-las como argumento pra provar sua idéia, principalmente contra os judeus. Assim como a apresentação da carta mostra, é notório que é dividido em uma parte dogmática e outra moral.

É considerado apócrifo, pois foi encontrado depois do fechamento do cânon, mesmo assim, tem em seu conteúdo ensinamentos que não condizem com a realidade das comunidades cristãs. Entende-se que, se fosse do conhecimento na época do fechamento do cânon, ainda continuaria fora, como apócrifo. Nesse texto, poder-se-á observar que, mesmo sendo considerado um texto não inspirado, encontra-se elementos que não podem ser descartados.

Sobre os sacrifícios, diz que Deus não quer nenhum sacrifício, o que é plausível, pois acaba com o derramamento de sangue, e completa dizendo que isso foi substituído pela lei de Jesus Cristo. Em seguida, exagera quando fala sobre o jejum, negando-o completamente dando um outro sentido, pra o que ele afirma ser o verdadeiro jejum. Esquecendo que Jesus também jejuou (Mt 4,2) e ensinou como deve ser o verdadeiro jejum (Mt 6,16-18). Mas, o que ele propõe como jejum: “Desata todas as amarras da injustiça; desfaz as cordas dos contratos iníquos; envia os oprimidos em liberdade; rasga toda escritura injusta; reparte teu pão com os famintos; se vês alguém nu, veste-o; conduz para a tua casa os desabrigados; se vês algum pobre, não o desprezes; não te afastes dos membros de tua família”. É o que ensina Jesus, como mostra os evangelhos.

Lembrando que o autor é tendencioso, isso se expressa mais nitidamente em relação aos judeus, principalmente em relação à Aliança, afirmando que os judeus a perderam: “Pesquisemos, para ver se ele deu ao povo a Aliança que prometera juramento a seus antepassados. Certamente ele a deu, mas eles não foram

dignos de recebê-la, por causa de seus pecados.”, por terem feito ídolos enquanto Moisés estava no Sinai. E que a Aliança é apenas para os cristãos: “Claro que ela é nossa.”, pois ela foi selada por Jesus Cristo nos corações dos fiéis.

Nos capítulos seguintes, narra sobre Cristo. A princípio fala da paixão e morte de Jesus (cap. 5); em seguida faz do texto uma exegese (cap. 6); E por fim, que Jesus é cordeiro que morreu pela expiação dos pecados (cap. 7 e 8).

No capítulo 9, ele inicia bem falando da circuncisão, substituindo a da carne para a do coração e termina com uma interpretação duvidosa e estranha: “E Abraão circuncidou entre os homens de sua casa trezentos e dezoito homens. Qual é, portanto, o conhecimento que lhe foi dado? Notai que ele menciona em primeiro lugar os dezoito e depois, fazendo distinção, os trezentos. Dezoito se escreve: I, que vale dez, e H, que representa oito. Tens aí: IH(sous) = Jesus. E como a cruz em forma de T devia trazer a graça, ele menciona também trezentos (= T). Portanto, ele designa claramente Jesus pelas duas primeiras letras e a cruz pela terceira.”

Já a interpretação seguinte sobre o significado espiritual das prescrições alimentares, é aceitável e interessante. Pois, segundo ele não existe uma proibição a comer esses animais, mas sentar-se á mesa com pessoas que se assemelham a eles. Ele citou Moisés e Davi, porém faltou lembrar que Jesus muda essa realidade sentando-se a mesa para comer com pecadores e cobradores de impostos.

Na parte doutrinária, ainda fala sobre a cruz de Cristo, sobre o sábado, a água do batismo e sobre o

templo. Os assuntos citados nessa parte, geralmente não têm ligação, e ele finaliza com a conclusão: “Eu vos expliquei essas coisas com a maior simplicidade possível, e espero não ter deixado nada de lado. Com efeito, se vos escrevesse sobre o presente ou o futuro, não compreenderíeis, pois isso permanece em parábolas”. Daí faz surgir o questionamento: “Por que e pra quem escreveu?”.

Por fim, na segunda parte, nos ensinamentos morais, assim como o capítulo primeiro da carta e a introdução do capítulo 2, ele escreve bem, e defini-los-ia como a parte não apócrifa do texto, pois poderia pega-lo todo sem cortes. É importante colocar o que ele diz sobre os ensinamentos do Senhor: “Os ensinamentos do Senhor são três: a esperança da vida, começo e fim da nossa fé; a justiça, começo e fim do julgamento; o amor, testemunho pleno da alegria e contentamento das obras realizadas na justiça”. E finaliza mostrando dois caminhos: uma das trevas e um da Luz, e no da Luz relembra o decálogo, ou seja, praticar o bem e evitar o mal. (4)

J. M. Bentes elaborou uma introdução a primeira epístola de barnabé nos trazendo as seguintes informações:

Epistola de Barnabé:

1. Manuscrito. Faz parte do manuscrito do Novo Testamento intitulado Codex Sinaiticus. Sua presença ali mostra que a obra tinha um elevado prestígio, embora seja considerada pela maioria como parte das obras apócrifas do Novo Testamento. Também faz parte de um codex descoberto em Constantinopla, em 1885, pelo

arcebispo Bryennios. Há outros oito manuscritos gregos que o contêm, e há uma versão latina que contém os capítulos primeiro a décimo sétimo da obra. Alguns supõem que essa versão latina é mais próxima de sua forma grega original, antes que os Dois Caminhos, também chamado Ensino dos Apóstolos (caps. 18 e 21), tivessem sido adicionados. Clemente de Alexandria citava a obra como Escritura Sagrada.

2. A citação desse livro, por Clemente de Alexandria, mostra que nos fins do II séc. D.C., a obra já estava sendo bem distribuída. Provavelmente a obra foi escrita em grego, em cerca de 130 D.C. Ali há uma referência à destruição do templo de Jerusalém, que ocorreu depois do ano 70 D.C., segundo esse livro. Parece haver uma alusão às atividades de Adriano, em Jerusalém; e, se essa alusão é correta, então a data precisa ser fixada em cerca de 130 D.C.

3. Autor. Provavelmente o autor era alexandrino. Ele promove o ponto de vista alexandrino de que o Antigo Testamento é verdadeiro, embora precise ser compreendido alegoricamente, e não literalmente. As leis do Antigo Testamento são por ele interpretadas alegoricamente. Os seis dias da criação são interpretados como indicação de que o mundo perdurará por seis mil anos, antes da volta de Cristo, mediante o emprego do trecho de Sl 90:4 como base: «Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi, e como a vigília da noite». Certas cifras são ali interpretadas de modo fantástico, como os trezentos e dezoito homens da casa de Abraão, que presumivelmente corresponderiam ao grego TIH: o T = cruz; o IH = 18, ou seja, Jesus. Tal atividade pode ser identificada com um excesso de

interpretações alegóricas. Uma coisa é indiscutível: não foi Barnabé quem escreveu esse livro, embora nada de positivo possa ser dito no tocante a outro nome qualquer, como autor.

4. Lugar de Origem. As descrições dadas acima sob «Autor» indicam uma origem alexandrina, como também o uso que Clemente de Alexandria fez do livro como obra canónica. Orígenes aparentemente concordava com a opinião de Clemente. Mas outros (com menor taxa de probabilidade) veem uma origem asiática (Ásia Menor), embora não haja evidências convincentes nesse sentido.

5. Conteúdo. Há muitas citações extraídas do Antigo Testamento, do livro de Isaías conforme a LXX, e de outros livros veterotestamentários, como também de vários livros não canónicos, como II Esdras e I Enoque. Várias passagens do Novo Testamento são ali refletidas, como Mt 22:14; 9:13; Lc 5:32; Rm 2:11; I Pe 1:17; II Tm 1:10; Ap 1:7, e outras. Após a saudação encontramos os TRÊS DOGMAS. Esses dogmas parecem ser os seguintes: 1. a esperança da vida; 2. a retidão; e 3. o amor da alegria e do júbilo. Os sacrifícios são ali descontinuados, e a retidão é exigida. A caridade e o cuidado pelos pobres são coisas importantes. O fim do mundo está próximo. O sangue expiatório de Jesus Cristo é enfatizado. Cristo aparece como quem foi predito pelos profetas do Antigo Testamento. A circuncisão é a do coração, e não a do prepúcio. Um anjo maligno teria desviado os judeus, para darem valor à mera circuncisão física. Outrossim, há muitos preceitos éticos que governam todos os aspectos da vida, regras dietéticas, relações sexuais, etc. O batismo e a cruz, segundo diz

essa obra, seriam descritos alegoricamente no Antigo Testamento. Assim como Jacó suplantou Esaú, assim também os cristãos suplantam os judeus. O templo é o próprio povo de Deus. Seis mil anos serão a história do mundo, até à segunda vinda de Cristo. Os dois caminhos. Os quatro capítulos finais da obra descrevem o caminho de luz e o caminho de trevas. A luz é equiparada ao amor, à simplicidade, à humildade, à pureza, à mansidão, à generosidade e à atitude pacificadora. O ódio é comparado à idolatria, à hipocrisia, ao adultério, ao homicídio, ao orgulho e a diversos vícios. E o autor conclui: «Que possais obter a salvação, filhos do amor e da paz».

6. Teologia. A salvação é obtida por meio dos sofrimentos de Cristo e da obediência do homem aos mandamentos, espiritualmente interpretados. O batismo e a cruz nos conferem a vida eterna. O Filho de Deus veio em carne (encarnação). Após o sábado milenial haverá um outro mundo, que será o oitavo dia. (AM GR KR Z) (6)

EPÍSTOLA DE BARNABÉ - PARTE I

Por Barnabé

Tradução: Ivo Storniolo e Euclides M. Balancim

Fonte: Coleção Patrística Vol I, Padres Apostólicos. Ed. Paulus

CAPÍTULO 1

Saudação

Filhos e filhas, eu vos saúdo na paz, em nome do Senhor que nos amou.

A fé dos destinatários Grandes e ricos são os decretos de Deus a vosso respeito. Acima de tudo, eu me alegro imensamente pelos vossos espíritos felizes e gloriosos, pois dele recebestes a semente plantada em vós mesmos, a graça do dom espiritual. Por isso, eu me alegro mais na esperança de me salvar, porque verdadeiramente vejo em vós que o Espírito da fonte abundante do Senhor foi derramado sobre vós. Em vosso caso, foi isso que me chamou a atenção ao vê-los, o que eu tanto desejava.

Intenções do autor

Estou convencido e intimamente persuadido disso, porque conversei muito convosco. O Senhor caminhou comigo no caminho da justiça e eu também me sinto impulsionado a amar-vos mais do que à minha própria vida, pois a fé e o amor que habitam em vós são grandes e fundados sobre a esperança da vida dele. Pensei que, se eu me preocupasse em participar-vos aquilo que recebi, eu teria recompensa por ter servido a espíritos como os vossos. Esforcei-me então para vos enviar estas poucas linhas, para que, além de vossa fé, tenhais também o conhecimento perfeito. Os ensinamentos do Senhor são três: a esperança da vida, começo e fim da nossa fé; a justiça, começo e fim do julgamento; o amor, testemunho pleno da alegria e contentamento das obras realizadas na justiça. Com efeito, por meio dos profetas, o Senhor nos fez conhecer o passado e o presente, e nos fez saborear antecipadamente o futuro. Vendo que uma e outra coisa se realizam conforme ele falou, **devemos progredir no seu temor**, de maneira mais rica e mais

elevada. 8 Quanto a mim, não é como mestre, mas como um de vós, que vos preparei umas poucas coisas. Através delas, vocês se alegrarão nas circunstâncias presentes.

CAPÍTULO 2

O culto que Deus quer

Introdução

Como os dias são maus e é aquele que exerce o poder, devemos, para o nosso próprio bem, procurar as decisões do Senhor. Os auxiliares da nossa fé são o temor e a perseverança, e nossos companheiros de luta são a paciência e o autocontrole. Se essas virtudes permanecem puras diante do Senhor, a sabedoria, a inteligência, a ciência e o conhecimento virão regozijar-se com elas.

Virtudes morais eram muito enfatizadas na pregação da igreja primitiva. Temor a Deus significa medo de pecar e ofender a Deus. Autocontrole é a virtude de dominar seus impulsos pecaminosos. Barnabé chama os cristãos para viverem como seguidores de Cristo.

Os sacrifícios

De fato, foi-nos mostrado, mediante todos os profetas, que Deus não tem necessidade de sacrifícios, nem de holocaustos, e nem de ofertas. Em certa ocasião, ele diz: "Que me importa a multidão de vossos sacrifícios?" diz o Senhor. "Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de cordeiros não sangue de touros e de bodes, e

nem que venhais vos apresentar diante de mim. Quem pediu essas coisas de vossas mãos? Não continueis a pisar em meu átrio. Se ofereceis flor de farinha, é em vão; vosso incenso para mim é abominação. Não suporto vossas neomênias e vossos sábados." Ele rejeitou essas coisas, para que a lei nova de nosso Senhor Jesus Cristo, que é sem o jugo da necessidade, não precise de oferta preparada por homens. Ele ainda lhes disse: "Por acaso, ordenei a vossos pais, ao saírem do Egito, que me oferecessem holocaustos? Pelo contrário, eis o que lhes ordenei: Que nenhum de vós guarde em seu coração rancor contra o próximo e que não ame o juramento falso." Devemos, portanto, compreender, pois não somos sem inteligência, o desígnio de nosso Pai em sua bondade, pois ele se dirige a nós, desejando que procuremos o modo de nos aproximar dele, sem nos extraviar, como aqueles homens. Eis, portanto, o que ele nos diz: "O sacrifício para Deus é um coração contrito; o perfume de suave odor para o Senhor é o coração que glorifica o seu Criador." Irmãos, devemos, portanto, cuidar de nossa salvação, para que o maligno não introduza em nós o erro, e nos atire, como pedra de funda, para longe da nossa vida.

CAPÍTULO 3

O jejum

A respeito disso, falou-lhes ainda, "Com que finalidade jejuais para mim", diz o Senhor, "como se ouve hoje aos gritos a vossa voz? Não é esse jejum que escolhi", diz o Senhor, "não o homem que humilha a si mesmo. Nem

quando dobrais vosso pescoço como um círculo, nem quando vos cobris de pano de saco e cinza, não chameis isso de jejum agradável." Para nós, porém, ele diz: "Eis o jejum que eu escolhi", diz o Senhor: "Desata todas as amarras da injustiça; desfaz as cordas dos contratos iníquos; envia os oprimidos em liberdade; rasga toda escritura injusta; reparte teu pão com os famintos; se vês alguém nu, veste-o; conduz para a tua casa os desabrigados; se vês algum pobre, não o desprezes; não te afastes dos membros de tua família. Então tua luz romperá pela manhã, tuas vestes rapidamente resplandecerão, a justiça irá à tua frente e a glória de Deus te envolverá. Então outra vez gritarás, e Deus te ouvirá. Ao falar, ele te dirá: Eis-me aqui! Isso, se renunciáres a tecer amarras, a levantar a mão, a murmurar, e se deres de coração o teu pão ao faminto e tiveres compaixão da pessoa necessitada." Por isso, irmãos, o paciente (Deus), prevendo que o povo, que ele preparou através do seu Amado, acreditaria com simplicidade, nos antecipou todas essas coisas, para que nós, como prosélitos, não nos arrebetássemos contra a lei deles.

O livro vai atacar muito a forma como os judeus serviam a Deus. O autor não deixa de criticar um instante os maus exemplos dos judeus. Mal sabia ele o que os cristãos fariam mais à frente...

CAPÍTULO 4

Vigilância

Exortação geral